



### A PULSÃO DE MORTE COMO CRÍTICA À MODERNIDADE EM DOSTOIÉVSKI

Ramon Guillermo Mendes<sup>1</sup>  
Ariel Ribeiro dos Santos<sup>2</sup>

**Resumo:** *Propomos nessa pequena reflexão, pensar a imagem do homem de subsolo criada por Dostoiévski como um sintoma ou uma intuição, que seria entender o conflito que se estabelece entre inconsciente e as formas de controle da subjetividade e de produção do humano. A obra nos parece aglutinar o debate sobre as pulsões humanas e o controle aplicado nas mesmas pelas instituições, principalmente no período chamado “moderno”, onde surgem cada vez mais dispositivos de controle com o advento das chamadas ciências biológicas e psíquicas sobre os indivíduos.*

**Palavras-chave:** Dostoiévski; Pulsões; Inconsciente.

### INTRODUÇÃO

Parte-se neste resumo da leitura do romance “Notas do Subsolo” do escritor russo Dostoiévski. O escrito é caracterizado, nas palavras da tradutora Maria Soares, por uma atmosfera pesada e peculiar onde evidencia-se um narrador angustiado e contraditório. A narrativa divide-se em duas partes, a primeira assemelha-se a um tratado ético, a segunda concilia-se nas experiências de um passado remoto, porém, que insiste em se fazer presente na consciência do narrador, histórias que pairam como fantasmas a atormentá-lo mesmo após tantos anos. De tais relatos cogita-se a idéia de “espírito do homem moderno<sup>3</sup>”, que por sinal não se distancia muito da do sujeito contemporâneo, pois ao tratar-se do psiquismo, e das concepções de pós modernidade, não há grandes diferenças estruturais.

O homem do subsolo possui as chaves de sua cela, porém, em um ato quase imperceptível e vicioso, prende a mesma num barbante jogando-a longe, mais precisamente aos pés daquele que julga ser seu libertador, ele, porém, é um *qualquer* que não entende os devaneios daquele sujeito. Este, preso em si mesmo, tem noção de sua mediocridade, entretanto o dito grande Outro<sup>4</sup> relembra-o

<sup>1</sup> Mestrando em Estudos da Linguagem, UEPG, ramon\_pesquisa@hotmail.com

<sup>2</sup> Graduando em Psicologia, IESSA, arielvski@gmail.com

<sup>3</sup> Entende-se aqui uma não ruptura da modernidade, haveria, em certo sentido, nessa leitura proposta uma continuidade do projeto de edificação do humano pelas instituições que permanecem hegemônicas mesmo dentro do período que se quer pós-moderno, seriam elas principalmente o Estado, o Mercado e a Ciência, manifesta pela técnica política de governo sobre a vida (Biopolítica).

<sup>4</sup> Por grande Outro compreende-se a alusão de Lacan (2009) ao referir-se a cultura enquanto detentora de um saber que, por meio de práticas discursivas, dita a moral vigente. O grande Outro é estabelecido, segundo a teoria psicanalítica, a partir de uma continuidade do nome do Pai: se a criança teme

constantemente de seus pecados infiltrando-se em sua mente fragilizada tornando-se o que chamamos de consciência.

Este é o personagem que Dostoiévski apresenta aos seus leitores, é necessário, porém, delimitarmos a sua condição, não no intuito de aprisioná-lo em um jogo de impressões limitadas em si mesmas, e sim de realizar um recorte que abranja – na medida do possível – a sucessão de causas e efeitos que dinamizam sua existência.

## OBJETIVOS

- Relacionar o escrito de Dostoiévski com os conceitos Freudianos e Deleuzianos, trabalhando assim como uma perspectiva inversa, onde, outrora, colocava-se a pulsão de morte enquanto potência de improdutividades, a partir da ótica da desconstrução, de produção de si e novas subjetividades.
- Propor uma entrada política e ética no escrito de Dostoiévski, com o intuito de pensar questões de controle da subjetividade

## METODOLOGIA

Realizar revisão bibliográfica de parte das obras de três autores: Dostoiévski, Freud e Lacan, fazendo, a partir disso um paralelo dialógico.

## RESULTADO E DISCUSSÃO

Do personagem sabemos somente aquilo que ele conta sobre si e dos outros. De qualquer forma é o típico intelectual do século XIX, época em que a Rússia destacava-se pelo brilhantismo e por ser a cidade “mais abstrata do mundo” (DOSTOIÉVSKI, 2011).

É essa concepção que o homem do subsolo faz questão de combater, e o mesmo ocorre através do paroxismo, a contradição ante si mesmo. Uma dinâmica onde prazer e desprazer andam de mão juntas, *Eros* e *Thanatos* (FREUD, 2011) se complementam. É necessário, demonstrar isso através de algumas passagens da própria obra de Dostoiévski:

Respondam-me o seguinte: por que motivo, nos exatos minutos em que eu era mais capaz de perceber todas as sutilezas “de tudo que é belo e sublime”, (...) mais afundava no meu lodo e mais capaz me tornava de atolar-me nele completamente? (DOSTOIÉVSKI, 2011, p.15-16).

A questão reside em: como pode o homem infligir-se sofrimento tendo plena consciência de suas ações? Freud (2011) denomina *pulsão de morte* quando uma grande exigência do Super-ego (adventos sociais morais que são introjetados pelo sujeito a partir de suas primeiras experiências de vida) se faz presente e instaura em nós a culpa. É preciso mencionar as palavras de Freud para que o significado clarifique-se:

Quanto mais virtuoso o indivíduo, mais severa e desconfiadamente ela se comporta, de maneira que precisamente os que atingem maior santidade se recriminam da mais triste pecaminosidade. (...) a frustração a partir de fora, promove bastante o poder da consciência no Super-eu. (...) quando uma infelicidade a atinge, ela se examina, reconhece sua pecaminosidade, eleva as reivindicações da consciência, impõe-se privações e castiga a si mesmo com penitências. Conhecemos, então, duas origens para o sentimento de culpa: o medo da autoridade e, depois, o medo ante o Super-eu. (FREUD, 2011, p. 72-73).

Ou seja há dois carrascos que predominam no imaginário do homem do subsolo, a autoridade (grande Outro) e o super-eu (ou *super-ego*). Agora é possível trabalhar com maior clareza as asserções realizadas no início: a fissura realizada pela ciência no interior do homem. Estes dois grandes carrascos (a cultura e a cultura introjetada) são reproduções de um aparelho repressor que age por sistemas simbólicos, pensa-se então no futuro deste indivíduo idealizado aquém dele mesmo. São ideias propagadas por tradições institucionais hegemônicas que Dostoiévski, a partir da narrativa do homem do subsolo, coloca em suspensão. É possível uma leitura que contradiga essa “evidente” ruína?

Em contrapartida a essas manifestações culturais introjetadas psiquicamente, há o princípio do prazer, este, o verdadeiro responsável pela origem da resposta a esses níveis de adestramento do homem que a modernidade auxiliou a estipular com tamanha violência estrutural. O princípio do prazer, antes, talvez visto como uma pulsão descompromissada assume, neste instante, um caráter de revolta. Parece haver uma intuição em Dostoiévski que percebe o íntimo (princípio do prazer) como a ser inventado, ou seja, não propor uma produção do homem a partir de parâmetros anteriormente estabelecidos, mas sim que condizam com seu atual “acontecimento no mundo”. Isto torna-se explícito quando a personagem dá-se conta do funcionamento distorcido dos afetos manifestados numa relação dita amorosa. Ao pensar politicamente na relação como tirânica ou até mesmo fascista que um sujeito implica ao seu objeto de desejo há uma crítica a própria forma de se desejar e pensar o próprio desejo:

(...) eu já não tinha capacidade de amar, porque, repito, amar para mim significava tyrannizar e dominar moralmente. (...) E também em meus devaneios no subsolo eu não imaginava o amor de outra forma que não fosse uma luta que se iniciava sempre do ódio e terminava com a submissão moral, depois da qual eu não tinha ideia do que fazer com o objeto submetido. (DOSTOIÉVSKI, 2011, p.144).

Ai reside a necessidade de novas produções desejantes que rompam com esta equação de submeter e tyrannizar a subjetividade e a vida, é perceptível o desgosto do narrador frente a impossibilidade de um projeto que transgrida ou se apresente como opção ao modelo de homem moderno. Esse *indecidível* sobre o desejo (deve-se escapar e produzir outras formas de vida, porém cada vez mais se criam mecanismos de aprisionamento e controle sobre as pulsões subjetivas e o corpo) abre uma problematização sobre o próprio desejar. Pensa-se aqui com Deleuze e Guattari (2010) que o desejo funciona como uma usina onde o sujeito pode ou não emular formas estabelecidas de desejo ou manufaturar desejos emancipatórios, ao contrário da premissa de que o inconsciente era regido pela noção representacional onde ali eram encenados seus desejos reprimidos protagonizados através do clássico teatro edípiano (DELEUZE e GUATTARI, 2010).

Pensando por esse viés o inconsciente e assim como nas proposições literárias do homem do subsolo de Dostoiévski o homem deve buscar intuitivamente maneiras de romper com os modos de vida e de existência que apenas reproduzem e fomentam a negação das pulsões, nesse caso a pulsão de morte, *Thanatos*, seria um instinto destrutivo não da pessoa enquanto subjetividade, mas da *persona* fabricada e disciplinada que nega a todo instante as pulsões que fazem um corpo e um pensamento vibrar e acontecer enquanto subjetivação no mundo. Desse modo a pulsão de morte é a manifestação da necessidade de produções de outra subjetividade, de outra existência, para além daquela docilizada e civilizada que abdica da vida instintiva e prazerosa em favor de uma vida institucional descorporeificada e aprisionada.

Tentamos aqui propor uma entrada política e ética no escrito de Dostoiévski, com o intuito de pensar questões de controle da subjetividade, as quais o autor russo coloca de forma potente, que seria prioritariamente embate entre o sujeito que se deve produzir pela consciência com o advento das instituições e da cientificização da psique e do corpo, colocando ambos como instrumentos de uma sociedade por vir, que seria o destino projetado pelo ideal moderno, e as pulsões instintivas do homem, principalmente *Thanatos* ou pulsão de morte, pois é através da crítica inconsciente e corpórea à vida disciplinada e controlada que a imprudência e o gozo desmedido se apresentam como alternativa para se perceber *micropoliticamente* que o projeto de edificação do templo moderno e do homem racional e científico não passam de ruínas e uma tentativa de se sublimar o homem de sua presença orgânica e natural através da constituição de uma cultura metafísica.

## Referências

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O anti-édipo** : Capitalismo e esquizofrenia. 1. ed. São Paulo: 34, 2010.

DOSTOIÉVSKI, F. **Notas do Subsolo**. 1. Ed. Porto Alegre: LPM, 2011.

FREUD, S. **O mal estar na civilização** . 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LACAN, J. A tópica do Imaginário. In: LACAN, Jacques. **O seminário** . 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. cap. VII, p. 89-106. v. 1.